

UNIVERSITÁRIOS NEGROS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS E SUAS BARREIRAS SOCIAIS PARA O LAZER DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Olívia Cristina Ferreira Ribeiro¹
Campinas, São Paulo, Brasil

Dario Mondini Rosa²
Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo: A pandemia de Covid-19 modificou bruscamente o cotidiano da população mundial, inclusive a forma como vivenciamos o lazer. Parte de um estudo mais amplo, essa pesquisa qualitativa teve como objetivo analisar como se manifestaram as barreiras sociais no lazer dos estudantes negros da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, antes e durante a quarentena. Consideramos o lazer um direito social e um fenômeno transformador da cultura. Então, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo por meio de entrevistas semiestruturadas. Antes da pandemia, a falta de tempo, o fator econômico, as barreiras simbólicas e o racismo foram as dificuldades mais evidenciadas. A barreira social mais citada na quarentena foi a falta de tempo e a dificuldade de acesso aos espaços que limitaram as vivências de lazer, principalmente relacionadas aos interesses físico-esportivos e turísticos. As vivências sociais e artísticas passaram a ser realizadas de forma online.

Palavras-chave: Lazer. Juventudes. Racismo. COVID-19.

BLACK UNIVERSITY STUDENTS AT FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS AND THEIR SOCIAL BARRIERS TO LEISURE DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract: The Covid-19 pandemic has abruptly changed the daily lives of the world's population, including the way we experience leisure. Part of a broader study, this qualitative research aimed to analyze how social barriers manifested themselves in the leisure of black students at the Faculty of Physical Education of the State University of Campinas before and during the quarantine. We consider leisure a social right and a phenomenon that transforms culture. Then, a bibliographic and field research was carried out through semi-structured interviews. Before the pandemic, lack of time, the economic factor, symbolic barriers and racism were the most evident difficulties. The most cited social barrier in the quarantine was the lack of time and the difficulty of accessing spaces that limited leisure experiences, mainly related to physical-sports and tourist interests. Social and artistic experiences began to be carried out online.

Keywords: Leisure. Youths. Racism. COVID-19.

UNIVERSITARIOS NEGROS DE LA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS Y SUS BARRERAS SOCIALES AL OCIO DURANTE LA PANDEMIA DEL COVID-19

Resumen: La pandemia de Covid-19 ha cambiado abruptamente la vida cotidiana de la población mundial, incluida la forma en que experimentamos el ocio. Parte de un estudio más amplio, esta investigación cualitativa tuvo como objetivo analizar cómo se manifestaron las

¹ Docente do Departamento de Educação Física e Humanidades. Faculdade de Educação Física, Unicamp. Email: olivia@fef.unicamp.br

² Graduando em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Unicamp. Email: d233396@dac.unicamp.br

barreras sociales en el ocio de los estudiantes negros de la Facultad de Educación Física de la Universidad Estadual de Campinas antes y durante la cuarentena. Consideramos el ocio un derecho social y un fenómeno transformador de la cultura. Luego, se realizó una investigación bibliográfica y de campo a través de entrevistas semiestructuradas. Antes de la pandemia, la falta de tiempo, el factor económico, las barreras simbólicas y el racismo eran las dificultades más evidentes. La barrera social más citada en la cuarentena fue la falta de tiempo y la dificultad para acceder a espacios que limitaban las experiencias de ocio, principalmente relacionadas con intereses físico-deportivos y turísticos. Las experiencias sociales y artísticas comenzaron a realizarse en línea.

Palabras clave: Ocio. Juventudes. Racismo. COVID-19.

Introdução

O lazer³ é um tema contido na Declaração dos Direitos Humanos e um direito social presente no Artigo 6º da Constituição Brasileira e, por isso, deve ser implementado por meio de políticas públicas a todos/as brasileiros/as. No entanto, ainda, muito há que ser feito para que esteja presente no cotidiano de nossa população de forma igualitária.

De acordo com Ribeiro e Mondini (2022), o lazer tem papel significativo no processo de desenvolvimento da sociedade, pois o indivíduo pode exercitar sua liberdade de escolha e seu pensamento crítico ao liberar das obrigações. O ócio e/ou a vivência das diversas manifestações culturais podem proporcionar uma possibilidade para ressignificação de ideias, espaços e da própria cultura, segundo os autores. Isso concebe à essa dimensão da vida a capacidade de se tornar um espaço de luta (SILVA *et al.*, 2011).

Contudo, o acesso a esse direito não atinge a todos os grupos sociais como enfatizaram Marcellino (1983, 2012), Goellner *et al.* (2009), Silva *et al.* (2011) e Busia (2018). Os autores afirmam que os modos de vivenciar o lazer sofrem influência de diversas barreiras. Essas dificuldades de acesso, de forma interligada, interferem no lazer entre os diversificados públicos de uma mesma sociedade, de acordo com seus privilégios.

As barreiras sociais para o lazer, segundo Marcellino (2012), se classificam em dois tipos. Existem as barreiras “interclasses sociais” que influenciam na população como um todo e têm o fator econômico como questão determinante, pois dificulta o poder de compra, além de influenciar, ainda, na distribuição do tempo e na diversidade das vivências de lazer. Ribeiro e

³ Consideramos o lazer como “uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social” (GOMES, 2011, p. 19). Tal vivência inclui as diversas práticas corporais, a festa, o cinema, o teatro, a pintura, a literatura, o desenho, o jogo, a brincadeira, o artesanato, as diversões por meio da internet, a música e outras possibilidades (GOMES, 2011). Também consideramos o ócio como possibilidade de lazer.

Mondini (2022) também alertam que o fator econômico também influencia o acesso à educação, o que, conseqüentemente, influencia uma escolha mais crítica das vivências de lazer.

As barreiras intraclasses sociais são o segundo tipo de dificuldade para o acesso ao lazer. Elas estão presentes entre grupos dentro de uma mesma camada socioeconômica. São as barreiras de gênero, relacionadas à “apropriação do lazer quanto ao sexo” (MARCELLINO, 1983, p. 53) e a generificação das atividades de lazer (GOELLNER *et al.*, 2009). Existem, ainda, barreiras de faixa etária, que afetam crianças, com sua liberdade de escolha cerceada pelos responsáveis. E, também, atingem os mais idosos por questões de saúde, diminuição da renda e preconceitos da sociedade quanto à participação em determinadas atividades. Marcellino (2012) ainda afirma que, há que se considerar, também, o problema do acesso aos espaços de lazer. Marcellino (2012, p. 25) afirma que “as oportunidades desiguais da apropriação do espaço constituem uma das barreiras mais importantes para o acesso ao lazer”.

Existem, ainda, as barreiras étnico-raciais que, relacionadas a um processo de construção histórico e social, foram enraizadas na cultura em que vivemos e são reforçadas pelo racismo, como apontam Goellner *et al.* (2009). De acordo com Almeida (2020, p. 32) racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.” Nesse caso, existem barreiras para o acesso de pessoas da raça negra ao lazer no Brasil, que foram configuradas no passado, devido à uma estrutura étnico-racial vigente, de acordo com Dores *et al.* (2021).

Vale ressaltar, também, a questão da violência, presente principalmente nos grandes centros urbanos e que podem, ainda, dificultar a vivência do lazer. Além das dificuldades para o acesso ao lazer, Busia (2018) aponta a existência de barreiras de caráter simbólico, que dificultam a participação no lazer e que se manifestam em esferas tanto externas quanto internas do indivíduo. Tais barreiras afetam o sentimento sobre si, que condicionam decisões a serem tomadas por estruturas e códigos sociais, assinala a autora.

Em março de 2020, com o decreto de pandemia de Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o distanciamento social como medida de segurança para a contenção do contágio. No Brasil, a obrigatoriedade da quarentena alterou o cotidiano de forma drástica e, com isso, houve uma reestruturação dos usos do tempo e do espaço.

Os/as estudantes da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) vivenciam diversas atividades de lazer no próprio campus, principalmente aquelas ligadas às práticas corporais como o esporte, o circo, a escalada, a dança, além de diversos eventos sociais e culturais (CIBIM; RIBEIRO, 2021).

Esse estudo é um desdobramento de uma pesquisa mais ampla (RIBEIRO; MONDINI, 2022) em que buscamos analisar as barreiras encontradas pelos/as estudantes da FEF/Unicamp para vivenciar o lazer antes e durante os primeiros meses de quarentena que iniciou em 13 de março de 2020, quando foram suspensas as atividades presenciais em toda a universidade. Os resultados mostraram o quanto a pandemia de Covid-19 afetou os/as estudantes, pois o distanciamento social e as restrições modificaram a dinâmica da vida social. A alteração nos espaços, a distribuição do tempo foi alterada drasticamente e, conseqüentemente, o lazer.

A principal barreira social citada pelos/as alunos/as foi a questão do espaço, uma vez que “o ficar em casa”, exigido por determinação legal restringiu a circulação, assim como o fato da maioria dos espaços e equipamentos de lazer estarem fechados ou com restrições de uso.

A falta de tempo também foi outra barreira para o lazer apontada. A adaptação para o ensino remoto, a dificuldade de se planejar para vivenciar todas as atividades do cotidiano no ambiente doméstico levou a uma certa confusão na percepção do tempo e no “modo de lidar com as pressões geradas pelas obrigações estudantis e profissionais (RIBEIRO; MONDINI, 2022, p. 70).

O fator econômico, que segundo Marcellino (1983; 2012) é pano de fundo para outras barreiras sociais para o lazer continuou presente no cotidiano dos/as estudantes/as, após o início da quarentena, mas apresentou um aumento menor que o esperado em relação às outras. O fato de os espaços estarem fechados e a dificuldade de acesso às diversas atividades de lazer podem ter influenciado nessa diminuição, uma vez que não houve gastos com isso (RIBEIRO, MONDINI, 2022). O fato de muitos estudantes terem voltado para a casa dos pais pode justificar essa questão.

As outras barreiras, como a violência, bem como a questão do gênero e das relações étnico-raciais diminuíram. De acordo com Ribeiro e Mondini (2022) a pouca presença dessas barreiras se justifica pela situação socioeconômica dos participantes da pesquisa e, ainda, por serem majoritariamente brancos, cisgêneros e heterossexuais. Esse público é o menos “afetado por essas barreiras sociais uma vez que ocupam lugar de privilégio dentro de uma sociedade que tem como moldes estruturais a heteronormatividade e o racismo” (RIBEIRO, MONDINI, 2022, p.71). Os autores enfatizam que a falta de apoio e outras dificuldades de acesso se relacionou a menor participação dos estudantes negros e pertencentes ao público LGBTQIA+⁴ na pesquisa. Até mesmo a dificuldade de acesso à internet, ferramenta indispensável para

⁴ De acordo com Martins (2022), sujeitos LGBTQIA+ são indivíduos que fogem nas normas binária e heterossexual, nesse sentido, podem apresentar diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, estas estão representadas por meio da sigla referida: Lésbicas, Gays, Bissexuais (tratam-se da sexualidade dos indivíduos); Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais (dizem respeito ao gênero).

acesso aos estudos, ao lazer, entre outros direitos se “configurou um privilégio daqueles que puderam pagar por ela” (RIBEIRO, MONDINI, 2022, p. 71).

Labuda *et al.* (2022) levantaram que, na pandemia de Covid-19, desigualdades entre população preta e branca se evidenciaram em vários aspectos (sociais, laborais, econômicas e na saúde). Os impactos negativos foram maiores para os negros devido às condições desiguais determinadas pelo racismo estrutural, enfatizam os/as autores/as. A partir desse contexto da pandemia procuramos aprofundar no lazer dos/as estudantes negros e levantamos questões: Como os/as alunos/as negros/as da FEF/Unicamp vivenciaram o lazer antes da quarentena? As barreiras sociais vivenciadas antes da pandemia se mantiveram nos meses de isolamento social? Os/as estudantes sofreram barreiras para o lazer decorrente de sua raça negra?

Assim, essa pesquisa teve como objetivo analisar quais foram as barreiras sociais enfrentadas pelos/as estudantes negros da FEF/Unicamp para vivenciar o lazer antes da pandemia e durante os primeiros meses de quarentena, a qual teve início logo após a paralisação das atividades presenciais da universidade no dia 13 de março de 2020 e, também, no ano de 2021.

METODOLOGIA

Nesse estudo utilizamos a pesquisa bibliográfica e a de campo qualitativa. A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (CAAE 40037320.2.0000.5404) e participaram sete estudantes da raça negra da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

A primeira parte da pesquisa foi quantitativa (RIBEIRO; MONDINI, 2022) e foi utilizado um questionário que coletou dados referentes ao perfil socioeconômico dos(as) participantes, bem como informações acerca do uso do tempo, tanto do período anterior à paralisação da universidade, (decretada no dia 13/03/2020), quanto dos primeiros meses de quarentena (de março a agosto de 2020⁵) que a sucederam, para que, dessa forma, ao comparar os dois períodos, fosse possível identificar os impactos da pandemia no lazer dos alunos (RIBEIRO; MONDINI, 2022).

A partir dos resultados dessa pesquisa, refletimos ser relevante buscar maior compreensão dos/as estudantes negros/as, ainda que a parcela respondente tenha sido uma

⁵ Foi escolhido o período entre março e agosto, pois no Estado de São Paulo houve o início da Fase Amarela, quando algumas flexibilizações ocorreram. Assim, no mês de agosto de 2020 alguns espaços e organizações de lazer (por exemplo, shoppings, bares, academias e espaços culturais) foram autorizados a funcionar com capacidade de público limitada.

minorias, 11,4% do total dos pesquisados/as.

Convidamos, via email institucional da Unicamp, 12 estudantes negros/as e sete aceitaram participar. Utilizamos a entrevista semiestruturada como instrumento, a partir de um roteiro com 10 perguntas. De acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2016, p. 64) a entrevista tem a finalidade de “construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a um objetivo”. Como encontrávamos em quarentena e com todas as atividades aconteciam de forma *online*, usamos a plataforma *Google Meet* e por meio desta realizamos a gravação. No início foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e todos/as aceitaram participar da pesquisa. Transcrevemos as entrevistas, analisamos os dados por meio da análise de conteúdo temática (MINAYO, DESLANDES E GOMES, 2016) e as categorias construídas foram as vivências de lazer antes da pandemia, durante o período mais severo da quarentena (2020) e no ano de 2021. Também analisamos as barreiras sociais enfrentadas antes do período pandêmico e durante a pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra foi composta por sete estudantes negros, todos/as regularmente matriculados na graduação (licenciatura e bacharelado) em Educação Física da FEF/ Unicamp no ano de 2021, em diferentes momentos do curso. Seis estudantes estavam na faixa etária entre 18 até 24 anos, o que indica que são jovens; um era adulto e tinha outra formação superior anterior; quatro eram homens e três mulheres.

Questionamos sobre as vivências de lazer antes da pandemia, pré-paralisação da universidade, sobre a rotina de estudos, trabalho e lazer nos primeiros meses da quarentena (março a agosto de 2020), bem como no ano de 2021.

Consideramos as vivências de lazer a partir dos conteúdos culturais do lazer (DUMAZEDIER, 1980; CAMARGO, 1992; SCHWARTZ, 2003) e às dificuldades enfrentadas para vivenciar o lazer foram agrupados a partir das barreiras sociais (MARCELLINO, 1983; GOELLNER *et al.*, 2009; SILVA *et al.*, 2011; BUSIA, 2018).

No que se refere às vivências de lazer todos os estudantes afirmaram participar preferencialmente dos interesses físico-esportivos, como andar de bicicleta, fazer caminhadas, dançar, jogar vôlei, jogar capoeira:

[...] Fazia bastante extensão de Yoga, condicionamento físico, fazia as aulas, Na Unicamp sempre tem alguma coisa pra fazer (ENTREVISTADO DOIS).

Eu treinava no time de volêi, meu lazer era esse. (ENTREVISTADA TRÊS).

O lazer físico era toda hora, não conseguia ficar parada, ainda mais a capoeira, era o que mais participava, ia para o centro de Campinas para poder jogar capoeira (ENTREVISTADA SEIS).

Eu gostava muito de treinar e fazer academia, eu praticava os esportes que eram oferecidos pela atlética da faculdade, esses eram meus maiores momentos de lazer (ENTREVISTADO SETE).

Tais resultados dialogam com a pesquisa de Romera *et al.* (2018) em que os estudantes de Educação Física também citaram a preferência por tais vivências físico-esportivas, com ênfase no esporte. Em relação aos outros interesses do lazer, os estudantes afirmaram vivenciá-los, porém com menos frequência no que se refere às atividades manuais e turísticas. Outras práticas de lazer no próprio campus também foram apontadas como assistir apresentações de dança e teatro no Instituto de Artes, leituras na biblioteca, participação em grupo de teatro na Casa do Lago (espaço cultural próximo à FEF), o que confirma a apropriação dos espaços da universidade, discutido por Cardoso *et al.* (2020).

No que se refere ao contexto anterior da paralisação da universidade e as barreiras sociais para a vivência do lazer, os/as pesquisados citaram a falta de tempo. Os/as alunos/as do curso diurno tem aulas em período integral e, alguns trabalham aos finais de semana, os do noturno, trabalham durante o dia. Na pesquisa “O lazer do Brasil” essa barreira também foi apontada pela maioria dos brasileiros, em todas as regiões do país (MAYOR *et al.*, 2020).

O fator econômico também foi citado como uma barreira para o lazer, tanto no que refere ao acesso a algumas atividades e organizações de lazer, quanto à dificuldade de se deslocar na cidade de Campinas. A Unicamp se localiza no distrito de Barão Geraldo, a 10 km do centro de Campinas e muitas organizações de lazer ficam nessa parte da cidade como, por exemplo, alguns clubes recreativos, unidades do Sesc e Sesi, o maior parque urbano de Campinas (Lago do Taquaral), entre outros. De acordo com Dores *et al.* (2021) a falta de condições financeiras das pessoas negras são as barreiras para o lazer mais evidentes na sociedade brasileira. Segundo os/as autores/as, “ser negra ou negro significa poder construir diferentes desejos sobre o tempo livre, mas enfrentar os entraves socioeconômicos impostos pela condição de exclusão em que a população negra se encontra submetida” (DORES *et al.*, 2021, p. 339).

O transporte é uma barreira para mim. Tinha sempre que prestar atenção pra pegar o último ônibus. O transporte era uma coisa que eu tinha sempre que ficar alerta (ENTREVISTADO UM).

Tem a questão da distância, como eu não tinha o passe, era complicado para usar ônibus. Não tinha grana para ir de Uber, então eu preferia ir andando mesmo para os lugares. [...] A raça vem acompanhada da minha condição socioeconômica, não tenho roupas chiques (ENTREVISTADO DOIS).

Esses resultados dialogam com os dados da pesquisa de Roberto e Uvinha (2021) em que a centralização dos espaços de lazer na cidade de São Paulo e o deslocamento para tal região esbarrou na barreira do transporte. Segundo os autores “o transporte, o fato de ser tarifado, o preço da passagem saltou da boca dos jovens por diversas vezes quando questionados se o poder público estabelece barreiras e quais/como seriam elas” (ROBERTO, UVINHA, 2021, p. 133).

Essa barreira também foi presenciada nas viagens, uma vez que tanto para o deslocamento, quanto para a hospedagem e as vivências de lazer no destino é preciso ter condições financeiras. O turismo foi evidenciado no estudo de Mayor e Isayama (2017) como a vivência de lazer mais desejada pela população brasileira.

Embora duas estudantes afirmassem viajar uma vez por ano com a família, elas gostariam de vivenciar ainda mais esse tipo de lazer.

[...] Talvez viajar, eu viajo com minha família nas férias, mas eu tenho vontade de viajar com meus amigos, é algo que nunca fiz. Não viajo por falta de tempo e dinheiro, de planejamento (ENTREVISTADA QUATRO).

A pesquisa realizada por Mayor *et al.* (2020) evidenciou essas barreiras em relação às mulheres negras e pardas, a falta de tempo e de condições financeiras foram as principais apontadas por elas, tanto na região sudeste, quanto na nordeste do Brasil, quando comparadas às mulheres brancas.

Todos/as estudantes negros/as citaram já ter encontrado barreiras para o lazer mais especificamente em relação à sua raça, mesmo um deles que pertencente a uma classe social mais alta.

[...] nunca aconteceu um fato de me negarem o acesso diretamente, mas já me senti desconfortável, de estar em alguns lugares que não eram frequentados pela minha raça, que não havia pessoas negras. Eu tenho uma boa condição financeira em relação às outras pessoas negras, então eu sempre pude estar presente em locais considerados mais para a elite. Nesses era onde eu mais me sentia desconfortável, nesses não tinham pessoas que eram iguais a mim, negras... Eu não via, por exemplo, pessoas negras estando lá para o lazer. Eu já fui a alguns restaurantes, museus e as pessoas que trabalhavam, por exemplo, faxineiras, garçons eram negras e as pessoas que frequentavam e utilizavam esse espaço para lazer não eram e isso sempre me incomodou, sempre me deixou desconfortável. Eu já deixei de ir a alguns restaurantes, que eu conheço, em museus também, por conta disso, por chegar lá e ver que só tem gente que não vão me fazer me sentir bem, não vou me sentir identificado, lugar em que as pessoas realmente tem um outro olhar, em que já fiquei desconfortável. (ENTREVISTADO SETE).

Outros/as estudantes também apontaram um dos shoppings tradicionais da cidade em que se sentiram constrangidos e incomodados de se manterem no local em seus momentos de lazer:

[...] às vezes em lojas, assim... a gente passa por uma coisa ou outra... shopping também... Em shopping já aconteceu de eu entrar numa loja e não ser atendida, um olhar ou outro estranho... Não é uma coisa que me impede de fazer, de ir nos lugares, mas sempre que eu vou, eu vou preparada (ENTREVISTADA QUATRO).

Eu já me senti mal em alguns lugares. Uma vez eu fui ao shopping não sei porque eu fui lá... Alguém deu a ideia e eu fui, era um shopping chique. Sabe quando você entra num lugar e você se sente mal só porque entrou lá? É um sentimento que as pessoas ficam te olhando. Você se sente mal, não sei explicar. Eu senti que eu não fazia parte daquele lugar. A minha roupa em si, pela roupa das pessoas. Eu me senti mal, inclusive a gente saiu, não ficamos. As pessoas que estavam comigo não se sentiram à vontade também (ENTREVISTADO UM).

Sempre acontece quando vou ao shopping, ou centro mesmo. Você tem sempre um segurança vindo atrás, é muito incômodo mesmo. É uma coisa que parece muito distante, porém é muito real. O tempo inteiro tem alguém sempre atrás... Mesmo sendo mulher, eu não aparentando que vou fazer nada, mas as pessoas me olham como suspeita (ENTREVISTADA TRÊS).

[...] Preconceitos explícitos nunca sofri, mas é claro que alguns lugares, já senti, por exemplo, no shopping... sempre têm alguns olhares (ENTREVISTADO CINCO).

Esses relatos demonstram que há uma interseção entre espaço, raça e gênero, enfatiza Ratts (2003), ou seja, há uma dimensão espacial nas relações raciais e de gênero, as quais são demarcadas e, por isso alguns locais são estranhos a alguns indivíduos ou grupos. E comprovam que alguns espaços de lazer são frequentados por quem faz parte de grupos que já desfrutam de privilégios no acesso e usufruto na utilização de bens e serviços públicos e privados, ou seja, os brancos, ainda que o lazer seja direito de todos/as (ROBERTO; UVINHA, 2021).

Chama a atenção, também, o que aconteceu com outro estudante, que era bailarino:

Teve uma coisa que aconteceu quando fiz uma apresentação. Eu postei nas redes sociais, eu dancei só com um shortinho, meu cabelo estava muito maior, minha barba também e o coreógrafo queria o corpo mais natural, sem se arrumar muito. Eu quis trazer aquilo para aquela dança, eu postei e um amigo meu falou que eu parecia um mendigo, compartilhou minha foto e postou: "não queria falar nada não, mas parece um mendigo". Se eu fosse branco e tivesse um cabelão liso, tenho certeza que ele não falaria isso. É, com certeza, pela minha cor. Não era pela minha roupa, porque eu estava com um short, não era pelos movimentos, era pela minha cor mesmo, meu cabelo. Eu estava mais suado e na foto estava bem expressivo. Foi bem chocante pra mim. Bem triste (ENTREVISTADO DOIS).

Esse mesmo aluno, também cita outra barreira vivenciada em uma escola de dança, onde ele praticava balé, em uma cidade da Região Metropolitana de Campinas:

[...] Tinham alguns espaços que ninguém conversava comigo. Eu fazia balé em Itatiba, acho que foi uma das piores barreiras que eu vivi, já estava na faculdade e todo sábado estava lá. Eu tinha bolsa e não pagava mensalidade, mas pagava pra ir, voltar e comer lá. Só que ninguém me perguntava se eu queria conhecer a cidade, eu era o único negro lá, parecia que eu entrava e saía e tanto faz... Eu tinha dificuldade de chegar, conversar por ser mais tímido. Eu fazia tudo nas aulas, mas ninguém queria saber do restante. Como eu chegava, se eu estava com fome....coisas assim. Eu era novo e foi meio frustrante (ENTREVISTADO DOIS).

Tal estudante ainda comenta outro episódio, nesse local:

[...] Eu precisava ficar lá o tempo todo, por conta da maquiagem, das roupas. Na semana da apresentação, a professora falou assim: "você precisa cortar seu cabelo e sua barba". Ai pensei, tudo bem, pois bailarino precisa manter a barba curta né? Mas ela não falou isso para nenhum outro menino. Os meninos não tinham barba e eu era o único, mas eles tinham cabelos grandes, porém eram lisos... Ai eu cortei e pensei, e se eu tivesse um "black" ou dread? Porque meu cabelo só estava um pouco maior. Ele não ia crescer pra baixo, estava só esperando ela falar para que eu alisasse. Ela mandou eu cortar, cortei e apresentei. E ela falou: "nossa outra pessoa". Eu ficava olhando para ela, indignado... e, no fim eu me cansei... Acho que foi a primeira coisa que desisti, por conta dessas coisas. Eu já tinha passado por coisas assim, mas essa foi a que eu mais prestei atenção (ENTREVISTADO DOIS).

Nessas situações estavam presentes as barreiras simbólicas as quais Busia (2018) aponta. São códigos sociais que, segundo a autora, condicionam e afeta o sentimento de si, o que fez com que esses/as estudantes negros não se sentissem confortáveis nesses espaços. Somados, ainda, ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) presente na sociedade brasileira. No que se refere ao entrevistado dois, Gomes (2006) chama atenção que o cabelo crespo é sempre visto como um estigma negativo da mistura racial e colocado num lugar de inferioridade quando se aborda questões estéticas e corporais no racismo brasileiro. Munanga (2004, p. 26) aponta que "o número de vítimas do racismo nas sociedades contemporâneas está cada vez mais crescente, o que comprova que as práticas racistas ainda não recuaram". No entanto, no Estado de São Paulo, racismo já existe legislação e é considerado crime. Por essas razões, duas estudantes e dois estudantes afirmaram escolher locais para a vivência de lazer em que são melhores acolhidos pelas pessoas que frequentam, para não passar por essas discriminações.

Ao serem questionados sobre o contexto da quarentena, todos/as estudantes afirmaram ter ocorrido muitas mudanças em suas vidas, assim como encontrado no estudo de Ribeiro e Mondini (2022). O distanciamento social, a transição das atividades de estudo e de trabalho para as plataformas e ao *home office* trouxeram certo conflito nas demandas cotidianas, uma vez que todos precisaram, de forma emergencial, se adaptar às tecnologias. E, também, os estudantes, junto com suas famílias "passaram a dividir em um mesmo ambiente as atividades de trabalho, escolares, domésticas e de lazer" (LOSEKANN; MOURÃO, 2020, p. 73).

[...] de março a junho eu estava dormindo na sala e era muito cansativo. Não tinha mais meu quarto, foram meses difíceis. Eu não tinha lugar em casa pra descansar. Às vezes eu parava no sofá, eu não dormia bem [...] e no começo de março eu fiz um trabalho de desenho e uma amiga pediu também. E eu ainda mantinha uma rotina de treino. Eu precisava voltar em forma no grupo de dança, precisava estar ativo. Ai ficou bem cansativo, morei com meu pai em São Bernardo. Ali eu tinha mais tempo, podia estudar, descansar. Mas tive problemas com minha madastra e meu pai pegou covid, ai fui pra minha mãe (ENTREVISTADO DOIS).

[...] eu tinha muita dificuldade de me organizar, então meus horários estavam bem doidos, assim, tinha dia que eu estudava de manhã, às vezes estudava de madrugada e eu dividia o computador com minha mãe. Às vezes isso pesava, pois eu precisava usar e ela também. Eu passava muito tempo no computador, eu não sabia dividir o que fazia da faculdade, com as coisas do CAEF (Centro Acadêmico), do meu lazer, as coisas ficaram muito misturadas (ENTREVISTADA QUATRO).

[...] Eu tranquei no primeiro semestre, eu tive dificuldades de acompanhar as aulas *online*, até mesmo pela internet em casa e, também, a cabeça não estava preparado, foi tudo muito estranho. (ENTREVISTADO CINCO).

Os participantes da pesquisa afirmaram que durante a quarentena vivenciaram o lazer em todos os interesses culturais do lazer, com exceção do turismo (uma vez que espaços estavam fechados e os deslocamentos impossíveis) e das atividades sociais que passaram a acontecer de forma *online*, nas plataformas e nas chamadas por vídeo pelo *WhatsApp*. De fato, o uso da internet na pandemia foi “uma boa estratégia adotada em relação aos seus impactos e perspectivas para o lazer” (SILVA *et al.*, 2020, p. 76). A utilização das plataformas digitais foi uma alternativa para contornar a falta dessa vivência social de lazer, como presenciado no estudo de Ribeiro *et al.* (2020a). Uma das estudantes afirmou, “então, sempre que tem uma reunião do grupo, a gente aproveita pra conversar um pouco mais” (ENTREVISTADA TRÊS).

[...] ano passado (2020) usava a internet mais para assistir as aulas, a gente se encontrava para fazer os trabalhos, a gente ficava conversando e vendo que era legal e agora faço isso muito. Esse ano eu marcava encontros *online*, pelo google *meet*, zoom e chamadas no whatsapp. Jogos online eu só joguei duas vezes, não gosto tanto (ENTREVISTADA QUATRO).

Todos/as confirmaram aumentar a vivência dos interesses virtuais do lazer, no que se refere a “navegar” nas redes sociais e, também para o acesso às atividades artísticas, como assistir a séries, filmes e *lives* de música. Um dos entrevistados deixou de frequentar museus, vivência realizada antes da pandemia. Resultados que corroboram com outros estudos, como os de Ribeiro e Mondini (2022) e Castilho, Ribeiro e Ungueri (2020), este último com alunos/as em sua maioria negros.

De acordo com Montenegro, Queiroz e Dias (2020) houve uma virtualização e uma residencialização do lazer no contexto pandêmico. No entanto é importante ressaltar que

alguns/as alunos/as também encontraram dificuldades de acesso à internet e a equipamentos de tecnologia, o que dificultou o acesso a direitos constitucionais, além do lazer.

No que se refere aos interesses físico-esportivos, quatro estudantes afirmaram que a prática de atividades físicas e de esportes continuaram presentes no lazer durante a pandemia, com adaptações em 2020 para o ambiente doméstico. Realmente os diversos cômodos das residências foram ressignificados, tornaram-se “um espaço único para estudar, exercitar, descansar, distrair, entreter, trabalhar etc” (MATOS; PINHEIRO; BAHIA, 2020, p.267). Muitas dessas vivências físico-esportivas requerem espaços, materiais específicos, que esses estudantes podiam acessar antes da quarentena, na própria universidade. Os projetos de extensão oferecidos pela Faculdade de Educação Física, os treinos de modalidades esportivas pelas atléticas e mesmo os jogos entre amigos eram possibilidades para essas vivências, como mostrou o estudo de Cibim e Ribeiro (2021).

[...] no começo eu parei de dançar pois aqui em casa não tinha espaço, fiquei um pouco frustrada e eu parei de dançar um tempo. Mas depois voltei e encontrei um jeito de lidar com o espaço, isso mudou muito a minha dança, tinha lugares que nunca tinha explorado, não tinha o hábito de dançar em casa, no quarto e agora é uma coisa que eu faço muito (ENTREVISTADA QUATRO).

Como apontaram Ribeiro e Mondini (2022, p. 66) o esporte para esse público “pode estar relacionado ao desejo de socialização, visto que a participação em atividades esportivas coletivas traz consigo não apenas fenômenos de interação física e corporal, mas também sociocultural”. Mas em 2021, algumas vivências foram possíveis com a abertura de alguns espaços como parques e praças e, também, com a vacinação contra a Covid-19.

Quando questionamos mais especificamente sobre as barreiras sociais para o lazer nos primeiros meses da quarentena, todos/as os/as estudantes citaram novamente a falta de tempo devido ao acúmulo de atividades com os estudos, o trabalho e os afazeres domésticos. Relacionaram ainda o cuidado com pessoas da família. Tais barreiras se estenderam no ano de 2021.

As três estudantes mulheres citaram ter realizado afazeres domésticos no período pandêmico. Uma aluna precisou cuidar de um irmão menor, já que esse não podia frequentar a creche, além das aulas e tarefas da faculdade e do seu trabalho aos finais de semana, o que dialoga com os resultados do estudo de Pessoa, Moura e Farias (2021) que mostrou a sobrecarga das atividades domésticas e de cuidado das mulheres na quarentena. Tal aluna comentou que o pai não realizava nenhuma tarefa doméstica, o que caracteriza uma barreira em relação ao gênero, como enfatiza Marcellino (2012).

Eu ajudo bastante, ainda mais com meu irmão pequeno. A minha mãe trabalha um dia sim, um dia não. Quando ela trabalha eu assumo as responsabilidades aqui de casa. A minha mãe me ajuda também, quando eu não consigo arrumar a casa ela entende. Eu tento fazer minha parte e sempre que não tem algum afazer da faculdade, estou com meu irmão ou estou trabalhando (ENTREVISTADA TRÊS).

Esse resultado dialoga, ainda, com os resultados da pesquisa de Ribeiro *et al.* (2020b), quando as mulheres apontaram a falta de tempo e o acúmulo de atividades domésticas e de trabalho no período mais restritivo da pandemia de Covid-19.

Outro estudante comentou ter que cuidar da avó e de uma sobrinha, devido ao aumento da jornada de trabalho de sua irmã que era enfermeira.

Como eu vim pra cá em São Paulo, voltei pra casa da minha vó. Ela tem 80 anos, nesse momento foi muito puxado para mim, pois minha irmã é enfermeira. Ficamos assustados e ela não voltava mais pra casa. Ela ficou seis meses fora, ela vinha a cada 15 dias, mas não dormia em casa. Minha sobrinha se sentiu mais...enfim, eu cuidava da minha vó e da minha sobrinha. E, ainda tinha os negócios da faculdade para fazer. E com minha vó e minha sobrinha, é demanda toda hora (ENTREVISTADO UM).

A pesquisa com estudantes mulheres de pós-graduação de Alegri (2022) confirmou que o tempo gasto com cuidados com familiares durante a quarentena, também afetou as vivências de lazer desse grupo.

Não poder vivenciar práticas corporais específicas como os esportes coletivos e treinar na academia também foram citadas por dois estudantes como barreiras para o lazer no contexto pandêmico.

[...] nesses primeiros meses foram complicados, eu gostava muito de fazer academia, de treinar os esportes e tentei muito transferir para fazer em casa, eu tentei umas três, quatro semanas, mas eu não me adaptei, não gostei e parei (ENTREVISTADO SETE).

Jogar vôlei, mas foi com muito menos frequência do que eu realmente iria. E aí fui para o vôlei de praia que normalmente são dois, a gente selecionava os amigos específicos e iam só quatro pessoas [...] foi assim, foi com menos frequência, porém teve uma época que eu não consegui (ENTREVISTADA SEIS).

Outro estudante citou como barreira a falta do contato social com os amigos: “não poder estar perto dos meus amigos, porque por mais que eu não fosse para as festas ou curtisse eventos sociais, estar perto deles e poder conversar na faculdade, era muito bom” (ENTREVISTADO SETE), fato também evidenciado na pesquisa de Alegri (2022). No entanto esse aluno comentou aumentar o tempo nas redes sociais para conversar com os amigos.

Não foi citada pelos estudantes a violência como uma barreira para o lazer, o que também aconteceu no estudo de Ribeiro e Mondini (2022). Alertam os autores: “resultado esperado, visto que o contexto do distanciamento social e da diminuição do fluxo de pessoas fora do ambiente doméstico, conseqüentemente, diminuiria a exposição a diversos tipos de violência” (RIBEIRO, MONDINI, 2022, p. 69).

O mesmo ocorreu com a questão da raça, por seis estudantes, embora a abertura dos espaços com o uso de máscaras trouxe preocupações, o que demonstrou, mais uma vez, a preocupação com o racismo enraizado na sociedade, o que faz com que as pessoas negras vivam em constante “estado de alerta”.

[...] em relação à minha raça e ao lazer não mudou tanto, pois eu não saí de casa, mas eu acho que, quando eu preciso sair para alguma coisa, a gente fica meio alerta, em relação à máscara, por estar cobrindo o rosto... às vezes a gente fica assim...de acontecer alguma coisa... algum preconceito, alguma violência (ENTREVISTADA QUATRO).

No que se refere às barreiras sociais no ano de 2021, não houve diferenças significativas em relação aquelas do período pandêmico de 2020. Isto se justifica pois, algumas entrevistas foram realizadas no momento que voltaram as restrições, devido à piora do quadro da Covid-19 no Estado de São Paulo. A falta de tempo e de espaço para vivenciar algumas atividades se mantiveram. No entanto, alguns estudantes citaram a necessidade de adaptação, pois alguns voltaram ao trabalho presencial, com o uso da máscara, mas as aulas da Unicamp continuavam remotas e retornaram somente no início de 2022.

Então, a academia fechou, parei de ir, a gente ficou nas aulas remotas. Não saí pra jogar vôlei, não fiz nada de verdade, eu só ia para o trabalho porque eles deixaram aberto, eles deram todos os kits de proteção, mas quando você via, um monte de aglomeração lá... Eu ia para o trabalho e voltava. Por um tempo eu fiz as aulas gravadas, mas eu não aguentei, desisti da academia, e agora estou só no trabalho (ENTREVISTADA SEIS).

Outra questão que merece ser mencionada foi a vacinação contra a Covid-19 que ocorreu em 2021 e encorajou alguns estudantes a participar de algumas vivências de lazer quando os locais foram reabertos novamente, como foi o caso de um aluno que comentou ter ido ao cinema e fez viagens de lazer de carro, além de passar a frequentar a casa de amigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi analisar quais foram as barreiras sociais enfrentadas

pelos/as estudantes negros da FEF/Unicamp para vivenciar o lazer antes da pandemia, durante os primeiros meses de quarentena e, também no ano de 2021.

Os estudantes afirmaram vivenciar preferencialmente os interesses físico esportivos antes de ser decretada a pandemia de Covid-19. Tais práticas ocorriam com mais frequência na própria Faculdade de Educação Física da Unicamp, nos projetos de extensão e com os colegas. Outras vivências estavam presentes em seus cotidianos, porém com menos participação como as manuais e as turísticas.

Os/as alunos/as afirmaram ter enfrentado muitas mudanças em suas vidas após o início da quarentena. A pandemia de Covid-19 trouxe mudanças drásticas no dia a dia não apenas deles, mas de toda a população mundial, algo que vai afetar diversas gerações (RIBEIRO *et al.*, 2020a). As restrições de deslocamento e o distanciamento social alteraram a dinâmica da sociedade em todos os seus aspectos, assim como na distribuição e na percepção do tempo, consequentemente, também no lazer (RIBEIRO, MONDINI, 2022).

Durante os primeiros meses da pandemia, quase todos/as afirmaram adaptar a prática das vivências físico-esportivas em casa. Enfatizaram maior presença dos interesses virtuais, inclusive para reencontrar amigos da faculdade e acessar as atividades artísticas. Todos/as apontaram não ter experienciado o turismo, pois os espaços estavam fechados e os deslocamentos proibidos. Esse quadro se repetiu em 2021, com mudanças nas vivências de lazer após a reabertura de algumas organizações e espaços e, também, pela possibilidade da vacinação contra a Covid-19.

No que se refere às barreiras sociais enfrentadas pelos/as estudantes antes do período pandêmico a falta de tempo, de condições financeiras, as simbólicas foram as mais apontadas, comuns na vida de pessoas negras na sociedade brasileira. Em 2020, a falta de tempo e de espaço foram as mais citadas. O fator econômico não foi apontado como barreira nesse período, por ter vivenciado o lazer nas próprias casas.

As práticas corporais, normalmente, fazem parte do cotidiano dos estudantes de Educação Física e são muito apreciadas, mas algumas não foram possíveis como a prática de esportes coletivos devido ao distanciamento social e à quarentena.

Em 2021 essas barreiras se mantiveram, com pequenas mudanças, pois alguns espaços foram reabertos com o uso de máscaras e outras restrições e se iniciou a vacinação contra a Covid-19. A Unicamp recebeu doses e todos os estudantes e servidores puderam se vacinar na própria universidade.

Todos os estudantes sofreram barreiras sociais para o lazer em relação à sua raça negra. Constrangimentos pela cor da pele e pelo estilo dos cabelos em diversos espaços incomodaram e impediram suas permanências em locais privados para vivenciar o lazer antes da pandemia. As barreiras simbólicas e o racismo estrutural ficaram evidenciadas em seus relatos. Essas barreiras, assim como a violência não foram registradas durante o período da pandemia, devido ao fato desses estudantes estarem em quarentena.

Acreditamos ser indispensável a realização de mais pesquisas qualitativas para identificar e minimizar as barreiras para o lazer das pessoas negras. “É relevante produzir conhecimentos acerca das limitações que os diferentes grupos sociais enfrentam para acessar seus direitos no cotidiano” (RIBEIRO, MONDINI, 2022, p. 71). Só assim os estudos do lazer contribuiriam para a diminuição do racismo estrutural no país.

REFERÊNCIAS

ALEGRI, T. **O tempo de trabalho das pós-graduandas da Unicamp e os impactos da covid-19 sobre o seu lazer.** Relatório de Iniciação científica. Unicamp, PRP, Campinas, 2022.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. (1948). **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Paris, 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-24-direito-a-reposo-e-lazer/> Acesso em: 1 Mai. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988.** Brasília, 1988.

BUSIA, A. P. A. **Aspectos da superação de barreiras simbólicas e culturais no lazer.** p. 186 - 194. In: CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER, 2018, São Paulo, SP, Brasil. **Anais...** São Paulo: Sesc São Paulo, 2018.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CARDOSO, G. R.; ANDRADE, S. M. B. DE; SANTOS, K. DO R. V. DOS; SANTOS, A. C. DOS; RECHIA, S. Lazer na Universidade. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 2, p. 283-308, Jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24041>. Acesso em: 3 Dez. 2021.

CASTILHO, C. T.; RIBEIRO, S. P.; UNGHERI, B. O. Distanciamento social e tempo livre: paradoxos vivenciados por estudantes da Universidade Estadual de Minas Gerais no âmbito do Lazer. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 93-125, Set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25216>. Acesso em: 8 Dez. 2021.

CIBIM, J. P.; RIBEIRO, O. C. F. Para além da sala de aula: as atividades complementares na formação do/a professor/a de educação física da FEF/ Unicamp. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 33, n. 64, p. 01-16, 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e8062>. Acesso em: 9 Dez. 2021.

DORES, L. A. das, SILVA, A. G. da, RAMOS, D. da S., STOPPA, E. A., e ISAYAMA, H. F. Rompendo os Silêncios sobre o Perfil do Lazer da População Negra no Brasil. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Do Lazer**, v.24, n.4, p.324–356, Dez de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37730>. Acesso em: 15 Jun. 2023.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

GOELLNER, S. V. *et al.* **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte/Gráfica da UFRGS, 2009.

GOMES, C. L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/762/563>. Acesso em: 18 ago. 2020. Doi: 10.35699/1981-3171.2011.762.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LABUDA, S.F. *et al.* A vulnerabilidade da população negra frente à pandemia do Covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v.5, n.2, p.4713–4722, 2022. <https://doi.org/10.34119/bjhrv5n2-059>. Acesso em: 24 Out. 2023.

LOSEKANN, R. G. C. B.; MOURÃO, H. C. Desafios do teletrabalho na pandemia Covid-19: quando o home vira office. **Caderno de Administração**, v. 28, p. 71-75, Jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53637>. Acesso em: 10 Jun. 2021.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.

MARTINS, F. C. **Sujeitos LGBTQIA+ na educação de jovens e adultos (EJA): relações interpessoais e a garantia do direito à educação**. 2022. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MATOS, L. da S.; PINHEIRO, W. da C.; BAHIA, M. C. Vivências do Lazer para Discentes do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará no Contexto de Pandemia da Covid – 19. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 251–288, Set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25433>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MAYOR, S. T. S.; ISAYAMA, H. F. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. *In*: STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Autores Associados, 2017.

MAYOR, S. *et al.* Barreiras de acesso ao Lazer das mulheres segundo raça/cor e classe social nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. **RBEL - Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte**, v. 7, n. 2, p. 1-22, Mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/24235>. Acesso em: 15 Maio. 2023.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2016.

MONTENEGRO, G. M.; QUEIROZ, B. da S.; DIAS, M. C. Lazer em tempos de distanciamento social: impactos da Pandemia de Covid-19 nas Atividades de Lazer de Universitários na Cidade de Macapá (AP). **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 1–26, Set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24785>. Acesso em: 19 Dez. 2020.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB** (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004.

PESSOA, A. R. R.; MOURA, M. M. M.; FARIAS, I. M. S. de. A composição do tempo social de mulheres professoras durante a pandemia. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 161–194, Mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29532> . Acesso em: 9 Jun. 2021.

RATTS, A. J. P. A Geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados. *In*: ALMEIDA, M. G. de. RATTS, A. J. P. (orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

RIBEIRO, O. C. F. *et al.* Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 391-428, Set. 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456>. Acesso em: 12 Set. 2021.

RIBEIRO *et al.* A Pandemia da Covid 19 e seus impactos no lazer de mulheres do Estado de São Paulo. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE ESTUDO DE LAZER, ÓCIO E RECREAÇÃO. Belo Horizonte **Coletânea...** Belo Horizonte, MG, UFMG/EEFFTO, 2020b p. 363-372.

RIBEIRO, O. C. F.; MONDINI, D. R. Lazer e barreiras sociais para universitários da FEF/Unicamp durante a pandemia de Covid-19. **RBEL - Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte**, v. 9, n. 3, p. 55-75, set./dez.; 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/39284/37107>. Acesso em: 15 Maio. 2023.

ROBERTO, D; UVINHA, R. Barreiras de acesso ao lazer e ausência de política públicas: impactos nas juventudes negras do Jardim Brasil – São Paulo. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Do Lazer**, v.24, n.4, p.324–356, Dez de 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37722/29463>.<https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37730>. Acesso em: 15 Jul 2023.

ROMERA, L. A. *et al.* Tempo livre e uso de álcool e outras drogas: estudo comparativo entre estudantes universitários do Brasil e Portugal. **Movimento (Porto Alegre)**, Porto Alegre, p. 765-776, Set. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/81951>. Acesso em: 07 Ago. 2023.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo Virtual do lazer - contemporizando Dumazedier. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 6, n. 2, Dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1468>. Acesso em: 10 Maio. 2023.

SILVA, C. L. *et al.* Os dias entre o teto e o chão da casa: lazer e práticas corporais no contexto brasileiro da covid-19. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, set/2020. DOI: doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25111. Acesso em: 10 Maio. 2022.

SILVA, D. A. M. *et al.* **A Importância da recreação e do lazer**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

NOTA DOS AUTORES

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

Contribuições dos autores

O autor D.M.R. contribuiu escrevendo o projeto, realizando a coleta, organização e análise de dados da primeira parte da pesquisa. Os autores O.C.F.R. e D.M.R. planejaram o projeto, O.C.F.R. realizou pesquisa bibliográfica, realizou a segunda coleta de dados (entrevistas), realizou a análise de dados com a revisão crítica da pesquisa, bem como do texto final do artigo.

Endereço para correspondência

Faculdade de Educação Física
Av. Érico Veríssimo, 701 – Cidade Universitária
Campinas - SP, 13083-851

Submissão: 15/08/2023

Aceite: 23/10/2023